



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A GRAN PRINCIPESSA DI TOSCANA, UM NAUFRÁGIO DO SÉCULO XVII NO CABO RASO (CASCAIS)

Sofia Simões Pereira¹, Francisco Mendes², Marco Freitas³

RESUMO

Informação histórica sobre acidentes marítimos no Cabo Raso destaca a perda do navio florentino a *Gran Principessa di Toscana*, que ali naufragou em 1696, proveniente de Itália. Os vestígios deste navio foram identificados na década de 1960, quando um conjunto de canhões de bronze foi descoberto por um mergulhador amador. Nos anos que se seguiram o sítio arqueológico foi alvo de várias pilhagens. Posteriormente, na década de 1980 foram ali realizados trabalhos pioneiros de registo subaquático, promovidos pelo Museu do Mar de Cascais. Este apresenta uma análise aos materiais recuperados no sítio. A cultura material é constituída maioritariamente por peças de artilharia. A nível da vida a bordo destaca-se materiais de uso quotidiano do navio, como instrumentos de navegação.

Palavras-chave: Arqueologia Marítima; Artilharia; Florença; Século XVII.

ABSTRACT

Historical information about maritime accidents at Cabo Raso highlights the loss of the Florentine ship the *Gran Principessa di Toscana*, which sank there in 1696 from Italy. The remains of this ship were identified in the 1960s, when a set of bronze cannons was discovered by an amateur diver. In the years that followed, the archaeological site was the target of several lootings. Later, in the 1980s, pioneering underwater recording works were carried out there, promoted by the Museu do Mar de Cascais.

This paper presents an analysis of the materials recovered at the site. The material culture consists mainly of pieces of artillery. In terms of life on board, the most important materials are those used on a daily basis, such as navigational instruments.

Keywords: Maritime Archaeology; Artillery; Florence; 17th century.

1. INTRODUÇÃO

O número de naufrágios históricos à entrada do Tejo, registados pelo menos desde o século XVI, ascende a cerca de uma centena. As fontes indicam uma grande diversidade cultural, com registos relativos a navios portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e germânicos, perdidos num ponto de importância estratégica para a navegação para Lisboa e passagem

de navios que se dirigiam ao Norte da Europa e ao Mediterrâneo (Borges, 2014, p. 152; Freire & Fialho, 2013a, p. 1214).

Nas últimas décadas, têm vindo a ser revelados indícios diretos da chegada de navios a Lisboa, correspondentes a naufrágios e materiais recuperados em ancoradouros e zonas de desembarque, através de achados fortuitos e da investigação arqueológica. A maioria dos sítios onde predominam canhões ou

1. Mestranda em Arqueologia, Departamento de História, NOVA FCSH. Bolseira de Investigação, Centro de Humanidades (CHAM, NOVA-FCSH) / sofia.simoeso3.97@gmail.com

2. Mestrando em Arqueologia, Departamento de História, NOVA FCSH. Bolseiro de Investigação, Centro de Humanidades (CHAM, NOVA FCSH) / Investigador do Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea (CEAM) / marcofreitas991@gmail.com

3. Mestrando em Arqueologia, Departamento de História, NOVA FCSH. Bolseiro de Investigação, Centro de Humanidades (CHAM, NOVA FCSH) / fjmrmendes@gmail.com

âncoras não permite uma abordagem mais precisa quanto à sua data, função, área de atuação ou identificação do navio. Entre estes encontram-se os sítios Baixa da Boeira, com oito canhões; Praia de Carcavelos, com três âncoras e doze canhões; e Porto de Recreio de Oeiras, com cinco canhões. As únicas exceções do início da época moderna são o naufrágio de *Nossa Senhora dos Mártires*, em São Julião da Barra, Oeiras, perdido em 1606 quando regressava da Índia, e o naufrágio do Cabo Raso, do século XVII (Bettencourt & alii, 2018, p. 153).

O naufrágio do Cabo Raso é um dos primeiros sítios a ser identificado em Portugal. A sua descoberta remonta à década de 1960, registada por carta a 7 de Junho de 1966, da Federação Portuguesa de Atividades Subaquáticas (FPAS), que relata que no dia anterior um mergulhador amador descobriu um conjunto de canhões de bronze numa zona próxima do Cabo Raso. Na mesma carta, a FPAS solicitava autorização para proceder à documentação preliminar do achado (desenho, localização exata, fotografias, etc.). Foi também solicitado que fossem tomadas medidas de proteção sobre os artefactos, devido às suas condições excecionais (Cardoso, 2012, p. 8; Freire & Fialho, 2013b, p. 26; Processo 1966/01).

No entanto, nas décadas seguintes (anos 60 e 70), o local seria alvo de constantes pilhagens, recuperações “bem-intencionadas” efetuadas por mergulhadores amadores e, ocasionalmente, por barcos de pesca. É o caso do marinheiro José dos Reis Jorge (proprietário da embarcação “Praia da Nazaré”), que a 18 de Junho de 1972, a pedido do Capitão do Porto de Cascais, recuperou do fundo do mar, junto ao Farol do Cabo Raso, uma Colubrina em bronze, com um escudo de armas que se pensava ser dos Médicis. A descoberta desta peça foi objeto de vários artigos de jornal, que relatavam as circunstâncias da descoberta, a decifração das inscrições do canhão e a discussão do seu futuro incerto (Atanásio, 1981/1982, p. 9; Cardoso, 2012, p. 9; Freire & Fialho, 2013b, p. 27; Processo 1966/01).

A partir da década de 1980 o Museu do Mar de Cascais teve a possibilidade de realizar alguns trabalhos no sítio arqueológico – o registo e posicionamento de alguns canhões e a recuperação de alguns materiais, como uma segunda colubrina a 10 de Maio de 1980. A 24 de Março de 1998, João Pedro Cardoso fez um mergulho de rotina, com o objetivo de tirar medidas a um canhão, tendo encontrado mais seis nas suas imediações. Em 2013, foi realizada uma nova investi-

gação arqueológica no Cabo Raso, que teve como objetivo acompanhar e registar a evolução do sítio (Cardoso, 2012, p. 10; Freire & Fialho, 2013b, pp. 27-30).

A possível identificação do naufrágio foi efetuada em 1990 por Patrick Lizé, que localizou três documentos relacionados com o naufrágio, de origem italiana, inglesa e francesa. No documento inglês, datado de 1696, Paul Methuen refere que o correio inglês voltou a falhar nessa semana, devido ao mau tempo. Refere também que um grande navio chamado *Gran Principessa Di Toscana*, com 70 canhões a bordo, deu à costa cerca de oito dias antes na “rocha de Lisboa”, tendo-se perdido com 60 homens. O documento francês, datado de 23 de Janeiro de 1697, refere que a nau *Gran Principessa Di Toscana*, comandada pelo capitão Benoict Prasca, de Livorno, se tinha afundado no Cabo da Roca, no dia de Santo André, à meia-noite, após três dias de tempestade, a uma légua de Cascais, tendo a maior parte da tripulação morrido afogada. Refere ainda que a tripulação do navio derubou todos os mastros e lançou três âncoras ao mar, mas não impediu que o navio se afundasse. Tal facto é justificado por uma carta datada de 16 de Dezembro de 1696, escrita pelo Sr. Gautier, passageiro salvo no cordame da mezena (que veio a dar à costa), dirigida ao Sr. Charles Ollivier, comerciante na rua Bonnetterie em Marselha (Cardoso, 2012, p. 11).

Estas fontes fornecem alguns dos atributos do navio, a sua origem, o nome do capitão, a data aproximada da tragédia, as circunstâncias e a localização aproximada. No entanto, os achados recuperados no passado encontram-se dispersos por coleções públicas e privadas e nunca foram objeto de um estudo aprofundado. A única publicação disponível é um catálogo editado por João Pedro Cardoso, pioneiro da arqueologia subaquática em Portugal (Cardoso, 2012). Este catálogo apresenta uma análise preliminar do sítio e dos artefactos recuperados conhecidos. O presente artigo faz parte da investigação de mestrado da autora principal, e enquadra-se nas atividades do projeto de investigação SUNK – Early Modern Shipwrecks under Tagus Mouth.

2. O SÍTIO

O naufrágio do Cabo Raso localiza-se no concelho de Cascais, distrito de Lisboa, entre dois pontos proeminentes da costa norte da foz do Rio Tejo, o Cabo da Roca e a Fortaleza de São Julião da Barra (Figura 1). Localiza-se numa zona marítima desig-

nada por Enseada Entre os Cabos por ser limitada pelo Cabo da Roca, a norte, e pelo Cabo Espichel, a sul, e cortada pelo Rio Tejo (Freire, Bettencourt & Fialho, 2012, p. 1).

Os dados disponíveis sobre o local do naufrágio são escassos. Em 1993, João Pedro Cardoso efetuou o primeiro levantamento dos canhões. Em 2013, o Projeto da Carta Arqueológica Subaquática de Cascais (ProCASC) realizou um novo levantamento no local. Os trabalhos arqueológicos foram realizados em forma de esboço, centrando-se na recolha de medidas, orientação e profundidades dos canhões. Os dois documentos permitem uma análise preliminar do sítio arqueológico. O sítio do Cabo Raso apresenta uma orientação Oeste-Este, sendo constituído por um conjunto de canhões e uma pequena concentração com um núcleo de ferro não identificado. A topografia do sítio é variável.

Os artefactos encontram-se dispersos entre duas depressões no fundo rochoso, numa longa e larga reentrância da costa, o que lhe confere um especto de “baía”. É também possível observar a hidrodinâmica da paisagem, que se assemelha a um local de centrifugação. O primeiro caneiro virado a Oeste tem uma profundidade de cerca de 5 metros, conservando a maior parte dos canhões *in situ*, e é interrompido a meio por um afloramento rochoso. A norte da elevação existe uma laje inclinada que vai dos 5,7 m aos 2,0 m de profundidade. Esta dá acesso ao segundo caneiro, que não apresenta grande sedimentação, levando a uma menor retenção de artefactos. Fora da “baía”, o cenário é de forte sedimentação (Freire & Fialho, 2013b, pp. 30–31). No total, estavam *in situ* 16 canhões, 15 de ferro e 1 de bronze (mais dois canhões do que no registo de 1993).

3. OS ACHADOS

Os artefactos recuperados do Cabo Raso são diversos, incluindo uma coleção de artilharia em bronze, que constitui uma importante fonte de informação sobre o naufrágio, e que neste caso foi essencial para a identificação do navio. A coleção é composta por 19 peças classificadas em dois grupos distintos: as Colubrinas e os Canhões de Retrocarga (Alves, 1994, p. 132).

A Colubrina é um tipo de canhão com um cano relativamente longo em relação ao calibre da peça e, consequentemente, tem um maior alcance. Estas peças são carregadas pela boca (Salgado 2002-2006).

Uma das colubrinas, tem um comprimento total de 2 m, e foi fundida em Florença. Apresenta duas inscrições latinas, das quais constam o nome do fundidor, o nome do Príncipe e o ano de fundição. A primeira inscrição, gravada por cima do segundo reforço numa cartela com uma cruz de oito pontas, é FER (DINANDO) II HERTR (VRIAE) // MAG (NO) DVCE // MDCXXXVII, correspondendo a: Fernando II, quinto grão-duque da Etrúria, 1647. A segunda inscrição aparece na cinta do primeiro reforço da colubrina, do lado direito da orelha: OP (VS) IO (AN) NIS MARIANE // CENNII FLOREN (TI) NI. Traduzido, lê-se: Obra de João Maria Cenni, florentino (fundidor) (Figura 2). A segunda colubrina foi recuperada em 1980 e é semelhante à primeira, mas encontra-se erodida, o que dificulta a leitura da mesma (Atanásio, 1981/1982, p. 14; Cardoso, 2013, p. 23).

O outro tipo de artilharia encontrado no sítio arqueológico são os canhões de retrocarga, no total 17, dos quais 11 se encontram em coleções particulares. Estas armas de pequena dimensão, com um comprimento total de 1,06 m e de pequeno calibre, são carregadas com câmaras em forma de caneca, nas quais a pólvora e o projétil tinham sido previamente carregados (Alves, 1994, p. 132; Ridella & alii, 2016, p. 186). Numa destas armas, nota-se a marca de Amesterdão, com os três XXX, que serve como prova de qualidade (Figura 3).

Um canhão de retrocarga e as respetivas câmaras semelhantes aos do Cabo Raso (o canhão também apresenta a marca de Amesterdão) foi recuperado do naufrágio do *Slot ter Hooge*, perdido em Porto Santo, na Ilha da Madeira, em 1724 (Esmeraldo, 2022). Ainda relacionados com armamento recuperado no local, encontram-se dois canos de bacamarte (um deles com a marca de Amesterdão) e cinco pelouros de pedra (bala redonda, uma grande e quatro de pequeno calibre), meia balas de mosquete e várias balas de chumbo.

Para além da artilharia, foram também recuperados outros materiais do quotidiano do navio, como uma torneira de latão, dois sinos de bronze, dois castiçais de cobre e seis pratos de estanho. Os pratos confirmam a datação do naufrágio por apresentarem o tipo de bordo largo (liso e sem decoração). Três deles apresentam marcas de fabrico diferentes, que ainda não foram identificadas. Foi também recuperada uma moldura em bronze, decorada em relevo com motivos fitomórficos e duas figuras de anjos (Figura 4).

O equipamento náutico inclui uma sonda de profundidade em chumbo e um comasso de cartear. A sonda é de secção octogonal e forma troncopiramidal (Figura 4). O compasso de cartear em cobre está incompleto, conservando apenas a parte superior e parte de uma das pernas. As pernas seriam pontiagudas nas suas extremidades inferiores, e nas extremidades superiores formam dois arcos concêntricos unidos por uma dobradiça. Este tipo de compasso, com dois arcos que formam a parte superior do instrumento abrem-se em lâminas duplas e abraçam-se mutuamente. Este processo permite ajustar o instrumento à abertura desejada e transportá-lo para um novo ponto da carta. Trata-se de um modelo comum do século XVII, tendo sido recuperados três outros exemplares em São Julião da Barra (DGPC, 2010).

A coleção do naufrágio inclui ainda 16 moedas de prata. Algumas delas encontram-se em mau estado de conservação, mas ainda assim foi possível identificá-las como peças de oito *reales* (Figura 5). No anverso, estão presentes dois pilares que representam as Colunas de Hércules, com as ondas por baixo, representando o Oceano Atlântico. A letra “P”, utilizada nas moedas cunhadas em Potosi, aparece ao lado do 8 com a denominação de “8 reale”. O número “90” (que significa 1690) é visível entre os pilares e por cima das ondas. No centro, a frase PLV SVL TRA (“Plus Ultra”), que significa Para além dos Pilares de Hércules. A cruz dos cruzados aparece no reverso, com leões e castelos nos quatro quadrantes, representando os primeiros reinos espanhóis de Leão e Castela (Knecht, 2019).

Das diversas recolhas efetuadas na década de 1960 há ainda a referir uma amostra de 55 fragmentos de *Corallium rubrum*, quer na sua forma natural (em bruto), quer em pequenos ramos, quer em contas furadas (já trabalhadas) (Figura 5). Estes fragmentos de coral poderiam fazer parte da carga do navio, com o objetivo de serem trabalhados pelos joalheiros portugueses para o fabrico de vários tipos de jóias e/ou amuletos (Vieira, 2020, p.1858).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sítio do Cabo Raso é um caso paradigmático da arqueologia subaquática portuguesa, retratando a incapacidade do Estado português em gerir o património cultural subaquático até à década de 1990. Descoberto acidentalmente, o sítio foi alvo de inúmeras prospeções não autorizadas. Estas resultaram

no desaparecimento de diversos materiais, dispersos pelo CNANS (Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática), Instituições Museológicas como o Museu do Mar em Cascais; e Museu de Angra do Heroísmo (Açores), com 64% do material. No entanto, outros achados encontram-se em coleções particulares, que representam 36% do acervo. O que aconteceu no sítio do Cabo Raso foi também o que aconteceu com outros três naufrágios: *Nossa Senhora dos Mártires*, em São Julião da Barra, Oeiras; *Slot ter Hooge*, na ilha de Porto Santo, Madeira, naufragado a 20 de Novembro de 1724; e o *L’Océan*, na praia da Salema, no Algarve, naufragado a 18 de Agosto de 1759. Estes foram descobertos na década de 1960 e tiveram a mesma sorte nos primeiros anos após a descoberta. Os sítios foram saqueados e sujeitos à recuperação sistemática de material, em alguns casos com autorização do Estado, e, portanto, sem qualquer tipo de registo arqueológico. Este contexto limita a investigação; alguns dos achados que se encontram em coleções privadas nunca foram registados.

Além disso, embora as políticas de gestão do património cultural subaquático em Portugal tenham melhorado desde os anos 80 (primeira fase da profissionalização da arqueologia subaquática), alguns destes sítios continuam fora da capacidade de intervenção do país. O sítio do Cabo Raso é, mais uma vez, um bom exemplo. A sua localização, numa zona onde o mergulho é particularmente difícil, tem impedido uma investigação sistemática.

No entanto, o estudo sistemático dos materiais e da documentação é um passo essencial para aumentar o valor deste sítio. Os achados da *Gran Principessa Di Toscana* constituem uma coleção diversificada de artefactos, desde artilharia (de origem florentina, italiana e holandesa) a objetos da vida quotidiana do navio. Contribuem para a compreensão do comércio do início da Idade Moderna, nomeadamente das relações luso-italianas do século XVII. Por exemplo, a carga do coral vermelho, proveniente do Mediterrâneo, é uma primeira prova de um comércio essencial para o trabalho dos artesãos que produzem jóias e peças religiosas em Lisboa. Passados todos estes anos, e sem ter sido devidamente estudado, o sítio do Cabo Raso continua a ter um imenso potencial arqueológico.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco J. S. (1994) – Lisboa Submersa. *Lisboa Subterrânea*, Museu Nacional de Arqueologia, Electa, Lisboa Capital Europeia da Cultura' 94, Edição Instituto Camões, Expo'98, Lisboa, pp. 126-132.
- ATANÁSIO, M. C. Mendes (1981/1982) – Canhões de bronze no Museu do Mar em Cascais, fundidos em Florença. *Arquivo de Cascais, Boletim Cultural do Município*, Nº3, pp. 9-16.
- BETTENCOURT, José; COELHO, Inês P.; FONSECA, Cristóvão; LOPES, Gonçalo; CARVALHO, Patrícia; SILVA, Tiago (2018) – Entrar e sair de Lisboa na Época Moderna: uma perspectiva a partir da arqueologia marítima. *Meios Vias e Trajetos... entrar e sair de Lisboa*. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2. Câmara Municipal de Lisboa, Direção Municipal de Cultura, Departamento de Património Cultural, Centro de Arqueologia de Lisboa Sociedade de Geografia de Lisboa, Secção de Arqueologia. Lisboa, pp. 146-161.
- BORGES, Marco Oliveira (2014) – Portos e Acoradouros do Litoral de Sintra – Cascais: Da Antiguidade à Idade Moderna (I). *Jornadas do Mar. Mar: uma Onda de Progresso*, Almada, Escola Naval. Lisboa, pp. 152-164.
- CARDOSO, João Pedro (2012) – Sobre os destroços da *Gran Principessa Toscana*, naufragada em 1696 nas imediações do Cabo Raso, Cascais. Cascais, Junta de Freguesia de Cascais.
- DGPC (2010) – *MatrizNet*. Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em <http://www.matriznet.dgpc.pt/> [Consultado em: 25/02/2023].
- ESMERALDO, Ana (2022) – *A caminho do Oriente. Os vestígios do Slot ter Hooge (1724) na dinâmica na navegação da Companhia Holandesa das Índias Orientais*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia pela Faculdade Ciências sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal.
- FREIRE, Jorge; FIALHO, António (2013a) – A Paisagem Cultural Marítima de Cascais: o Modelo de Investigação e de Gestão do Litoral. *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 1213-1220.
- FREIRE, Jorge; FIALHO, António (2013b) – Cabo Raso I, Relatório ProCASC, resultados de 2013. In *Projecto Carta Arqueológica do Concelho de Cascais 2013*. CHAM-CMC, Lisboa, pp. 21-32.
- FREIRE, Jorge; BETTENCOURT, José; FIALHO, António (2012) – Sistema de Informação Geográfica na Gestão do Património Cultural Subaquático: a experiência da Carta Arqueológica de Cascais. *2as Jornadas de Engenharia Hidrográfica*. 20-22 de Junho de 2012, Lisboa.
- KNECHT, Robert (2019) – *How to Read a Spanish Reale... the "Piece of 8"*. Cannon Beach Treasure Company. Disponível em <https://cannonbeachtreasure.com/blogs/news/how-to-read-a-spanish-piece-of-8-pillars-waves-edition> [Consultado em: 23/02/2023].
- Processo 1966/01 – Gran Principessa di Toscana, Biblioteca de Arqueologia, Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.
- RIDELLA, Renato G.; GALILI, Ehud; CVIKEL, Deborah; ROSEN, Baruch. (2016) – A Late 16th to Early 17th century European Shipwreck Carrying Venetian Ordnance Discovered off the Carmel Coast, Israel. *International Journal of Nautical Archaeology*. Volume 45: 1, pp. 180-91.
- SALGADO, Augusto (2002 – 2006) – Artilharia Naval. Navegações Portuguesas. Instituto Camões. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/index1.html> [Consultado em: 20/02/2023].
- VIEIRA, Alexandra (2020) – Os Amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho. *Arqueologia em Portugal – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1849-1864.



Figura 1 – Localização do sítio do Cabo Raso. Imagem do Google Earth.

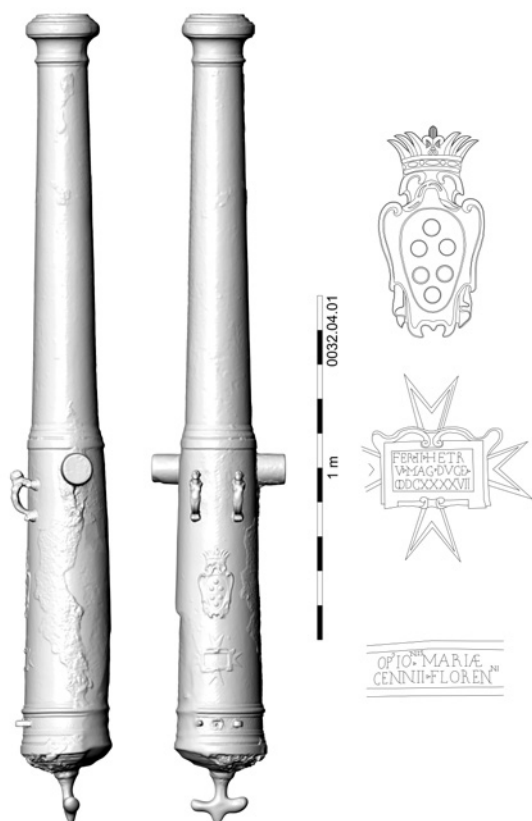


Figura 2 – Modelo 3D da Colubrina 0032.04.01. Autor: CHAM, 2023.

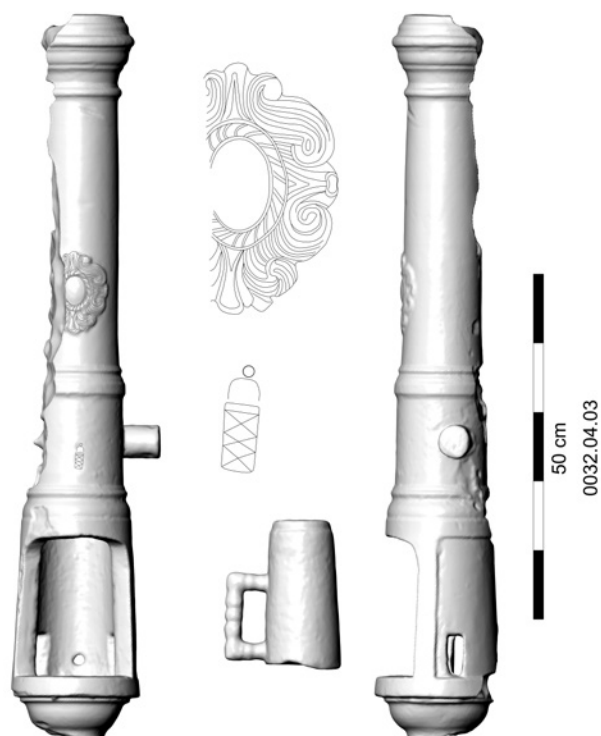


Figura 3 – Modelo 3D do Canhão de Retrocarga 0032.04.03. Autor: CHAM, 2023.

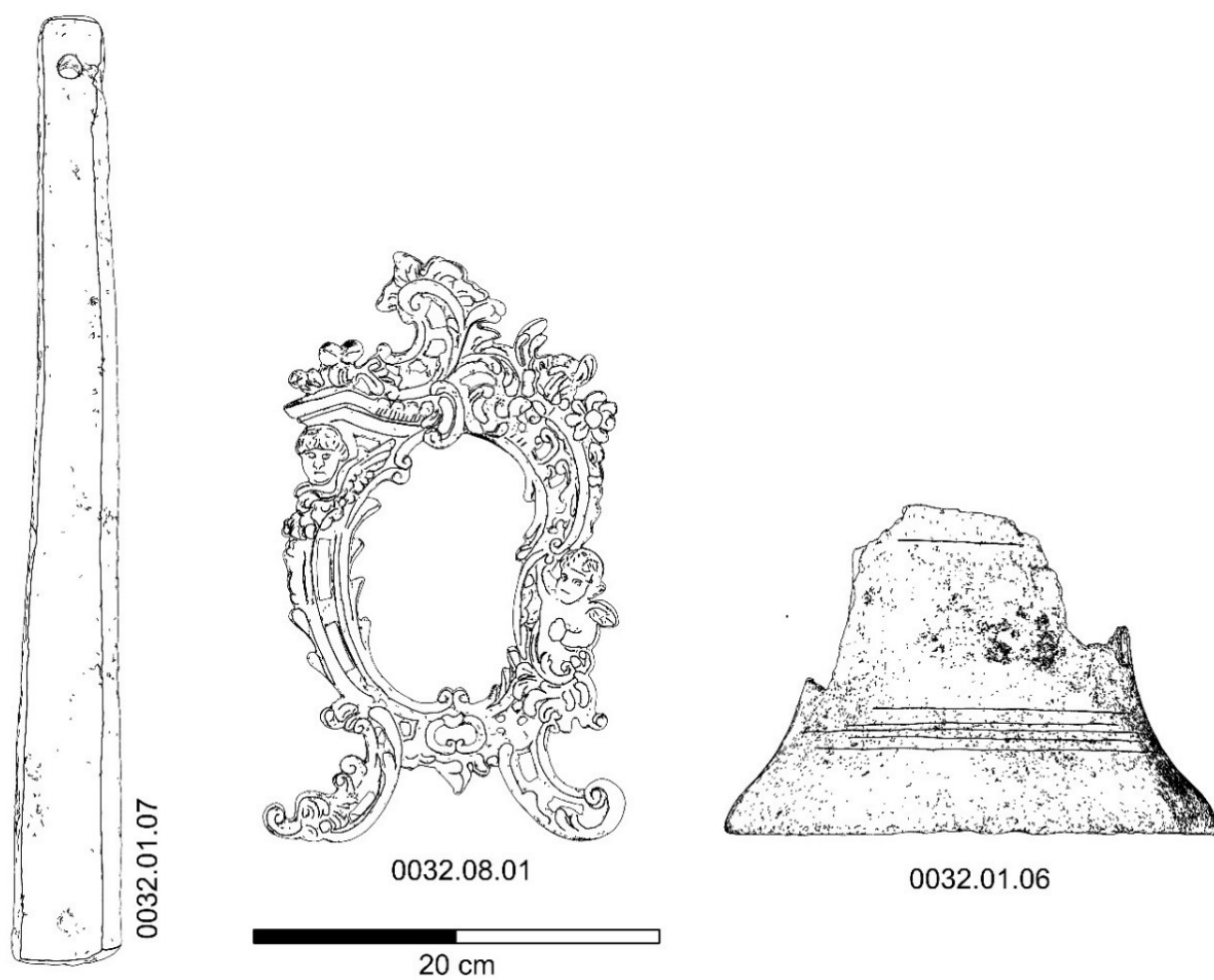


Figura 4 – Artefactos provenientes do sítio do Cabo Raso: sonda 0032.01.07, moldura 0032.08.01, e sino 0032.01.06. Autor: Sofia Pereira, 2022.



Figura 5 – Artefactos do sítio do Cabo Raso: três moedas de prata 0032.02.10; 0032.02.15; 0032.02.17, e um fragmento de coral vermelho 0032.02.34. Autor: Sofia Pereira, 2022.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**